

REBELO, Gaspar Pires de. **Infortúnios trágicos da constante Florinda**. Org., notas e posfácio de Adma Muhana. São Paulo: Globo, 2006.

Florita Dias da Silva*

Da biografia de Gaspar Pires de Rebelo resta muito pouco. Mesmo o ano de seu nascimento é hoje ignorado. Consta que ele tenha nascido em Aljustrel, supõe-se que em 21 de julho de 1585. Data sua morte do ano de 1642. Sabe-se ainda que atuou como clérigo durante duas décadas (1620 -1640), na província do Alentejo. *Infortúnios trágicos da constante Florinda*, sua *magnus opus*, foi publicada em 1625. Em 1633, o autor publicou uma continuação intitulada *Constante Florinda parte II, em que se dá conta dos infortúnios que teve Arnaldo buscando-a pelo mundo*. Nas linhas que seguem, o foco de interesse será apenas a primeira obra, em edição organizada e anotada por Adma Muhana.

Infortúnios trágicos da constante Florinda é uma obra singular, que funde gêneros correntes na literatura seiscentista e promove o entrelaçamento da cultura clássica com o cristianismo. A obra narra a história de Florinda, uma donzela separada de seu amado Arnaldo (que ela supõe morto), que deambula solitária pelo mundo travestida de homem porque deseja manter-se fiel à memória do amado. Esse tema pode ser encontrado em verso e prosa desde a Antigüidade. Porém, na história de Florinda esta peregrinação não tem exatamente um fim último a ser alcançado, material ou espiritual. Seguindo as preceptivas de seu tempo, Gaspar Rebelo põe nessa obra o deleite a serviço do escarmento; seu estilo aforismático faz extrair da narrativa um conjunto de exemplos calcado na firmeza de ânimo que sustenta o homem no combate aos vícios do mundo. Para além das desventuras de Florinda, que conduz os seus infortúnios pela firmeza do seu caráter, a obra narra diversos episódios envolvendo personagens em situações de infortúnio, como aquelas protagonizadas por Artêmia, personagem que percorre grande parte da história.

* Mestranda em Letras pela Universidade Federal do Piauí

Buscou-se mostrar que a obra *Infortúnios trágicos da constante Florinda* faz uma releitura de Sêneca e da tradição estoíca, e evidencia, através de Florinda, que o sábio é aquele que está isento do domínio da Fortuna, aceitando os ditames da Providência. De acordo com Muhana (2006):

(...) a constância é a virtude daqueles que praticam habitualmente atos justos e sábios, por compreenderem que a Providência divina rege o universo; mesmo nas ocasiões em que a Fortuna parece conduzir os acontecimentos, ela é, por assim dizer, serva da Providência. [...] ser constante é uma demonstração de sabedoria fundada numa razão fiel, isto é, conhecedora dos princípios – Deus – e dos Fins – Juízo Final – sendo, por isso, a principal virtude e epíteto de Florinda. (p. 339)

Como ocorre com toda obra distante no tempo, cabe ao leitor de hoje alguns cuidados para que seja capaz de realizar uma leitura mais proveitosa da *Constante Florinda* – assim iremos nos referir, de agora em diante, a essa obra – por se tratar de um texto do século XVII. Neste sentido, cabe lembrar uma noção importante na hermenêutica de Gadamer¹, a “fusão de horizontes”. Há, segundo esta idéia gadameriana, uma temporalidade inscrita no texto e há a experiência do leitor; interpretar pressupõe a fusão desses dois horizontes, o que implica dizer: é mito querer resgatar a leitura supostamente original da obra. Não existe para o intérprete a possibilidade de uma compreensão pura, sem pressupostos, que permitisse uma reconstrução objetiva da mentalidade e circunstâncias que circundaram a produção de um texto. Mas se, por um lado, toda interpretação é histórica, por outro lado isso não quer dizer que seja louvável todo e qualquer tipo de anacronismo.

Por sua data, *Constante Florinda* foi publicada nos albores do surgimento do romance moderno. No entanto, seu modelo liga-se a outras tradições, especificamente a duas: as novelas de cavalaria ibérica e, em especial, as epopéias gregas em prosa. Podemos caracterizar as novelas de cavalaria como sendo as manifestações literárias de ficção em prosa da literatura peninsular no Medievo. Quanto às epopéias em prosa, como afirma Lachat², não nos resta uma preceptiva seiscentista a respeito, exceção feita aos fragmentos de *Argumento*

¹GADAMER, Hans-Georg. *Verdade e Método*. Petrópolis: Vozes, 1997.

²LACHAT, Marcelo. *Estoicismo e cristianismo na Constante Florinda: abismos entre a paixão humana e o amor divino*. São Paulo, Anais do SETA, vol. 2, 2008.

³MUHANA, Adma. *A epopéia em prosa seiscentista: uma definição de gênero*. São Paulo: Unesp; Fapesp, 1997.

de *Heliodoro* (1633), de Manuel Pires de Almeida. Entre as obras do gênero que serviram de modelo, podemos citar: *As etiópicas*, de Heliodoro, e *Leucipe e Clitofonte*, de Aquiles Tácio. Muhana³ define a epopéia em prosa como sendo “imitação comum de ação grave, una e extensa, narrada sem metro e com pensamento ornado, tendo por ofício mover os ouvintes pelo deleite e pelo ensinamento”. No caso de *Constante Florinda*, o ensinamento liga-se ao elogio da constância contra as intempéries da fortuna. Trata-se de uma epopéia em prosa na qual o narrador faz falar as personagens e intervém na narração, constituindo-se, segundo a classificação de Aristóteles, um gênero misto.

Quanto ao enredo, *Constante Florinda* apóia-se em um *topos* recorrente na Antiguidade: a narrativa da donzela de boa origem que, tendo perdido o amado, abdica de todos os bens e da nobreza que o nome lhe proporciona para vagar travestida de homem mundo afora. Como se trata de uma narrativa fundada num código edificante, todos os quadros em que a protagonista será posta a prova servirão para demonstrar sua firmeza de ânimo e sua incorruptibilidade. E são muitos esses quadros.

O leitor moderno, acostumado a romances de enredo exíguo, em que a experimentação com a linguagem ou a sondagem psicológica se sobressaem, deve estranhar a profusão de peripécias que Florinda (travestida de homem e rebatizada Leandro) atravessa em seu deambular sem esperança, empurrada pela Fortuna: os infortúnios ao lado da pobre Artêmia, expulsa de casa injustamente, por ter sido difamada; a triste coincidência que abate Otávio; a disputa intelectual com os cinco letrados de Bolonha; o encontro com o estranho ermitão; o encontro com o selvagem; a paixão de Boemunda, esposa do príncipe Aquilante, por Leandro e a revelação de sua identidade; a estadia de Florinda no convento e sua expulsão dele; o reaparecimento de Arnaldo, que aparentemente tinha morrido. Esses são apenas os núcleos maiores das peripécias, grande arte do tempo parecendo sem uma finalidade clara, até o final feliz. A ação central é a peregrinação de Florinda; assim os quadros, unidades episódicas que entrecruzam a ação principal, são formados por histórias secundárias que compõe essa ação.

Retomando a questão da firmeza de ânimo da protagonista mesmo diante de tantos revezes, a crítica tem aí identificado a influência do estoicismo, comum a outras obras da época. O estoicismo foi uma doutrina filosófica de grande popularidade na Roma antiga –

seguida por Sêneca e Marco Aurélio – segundo a qual só se alcança a paz e a liberdade através da renúncia das comodidades sociais, optando-se por uma vida guiada pelo caminho da razão e pelo afastamento das paixões que perturbam a alma.

O ideal a ser atingindo na doutrina estóica chama-se “ataraxia”, palavra que designa o estado de imperturbabilidade que só alcança aqueles que aprenderam a desprezar os valores materiais e os sentimentos exaltados. Para os estóicos, o universo constitui um todo harmonioso e ordenado em cadeias causais, que se rege pelo *logos* cósmico do qual o homem participa. Assim sendo, o acaso não existe, sendo apenas fruto do nosso desconhecimento causal dos acontecimentos. Tudo está rigorosamente determinado e nossa grandeza reside apenas em aceitar o destino e viver conforme os ditames da natureza, senhora da razão, evitando o contágio das paixões (*pathos*).

No campo literário a doutrina estóica se estende aos Seiscentos, marcando sua influência não só nos trabalhos de Gaspar Pires de Rebelo, mas também de Francisco Manuel de Melo e, na Espanha, de Quevedo. O estilo sentencioso de Gaspar Rebelo, bem como a maneira como a “constante” Florinda encara os infortúnios, revela como a base de sua pedagogia brota de um equilíbrio entre os valores cristãos e estóicos, o que fica evidente desde o “Prólogo ao Leitor”, em que o nome de Sêneca é lembrado duas vezes. Toda a história de Florinda é uma história de firmeza de ânimo e de constância que lhe dá forças para suportar, quadro a quadro, seu destino trágico; que lhe despe da presença confortante dos pais, da perda (suposta) do amado, da amiga Artêmia e, por fim, quase que da própria vida pelas mãos de Aquilante.

Citemos um exemplo de transporte do pensamento estóico para o tecido da ficção. A passagem refere-se à saída de Florinda do convento e aos comentários maledicentes que surgiram dessa situação:

[...] vendo-se ela posta na boca do mundo, só e desamparada, quis mais tornar-se ao trabalho dele, do que, esperando seus bens, vivesse arriscada a tantos males; e deixando tudo o que se lhe devia se partiu uma noite sem ser sentida de pessoa da casa, não determinada ir-se a parte alguma certa, senão donde a ventura guiasse, exposta já de todos aos perigos e contrastes da fortuna, representando a seu entendimento todos os trabalhos e desditas que ao diante lhe podia causar, para que, como costumada, não sentisse tanto, quando chegassem, a molestar seu pensamento, porque é bem que um desditoso pondere as desditas antes que venham, porque quando cheguem nenhuma seja nova ao sofrimento. (REBELO, 2006, p. 267)

Sobressaem-se na passagem o sentimento de honra e a firmeza de ânimo da personagem. Deriva diretamente de Sêneca a idéia de que é preciso que se pondere sobre as desditas antes que aconteçam para minimizar seus impactos. Outro aspecto digno de atenção é a total falta de perspectiva da peregrinação da protagonista “...não determinada ir-se a parte alguma certa, senão donde a ventura guiasse”. Nesse sentido, Gaspar Rebelo apresenta uma inovação, uma vez que não há um propósito, à maneira de um Graal, que justifique as deambulações de Florinda.

Mesmo o amor da protagonista, como destaca Muhana (2006), é desprovido de exaltação dos sentidos, não constituindo uma perturbação da razão, idéia que no Seiscentos ancora a noção de amor. Florinda peregrina sabendo-se, de antemão, desesperançada: estoicamente, aceita que com a morte (suposta por ela) do amado não lhe resta senão platonicamente manter-se fiel a esse primeiro e único amor. Isto ela o faz para demonstrar sua constância e o valor da palavra dada, sem esperar compensações materiais e espirituais: “o amor de Florinda nada tem de concupiscível; mas também não se espiritualiza como um meio para atingir Deus”.(MUHANA, 2006, p. 349)

É verossímil, numa obra seiscentista, que os méritos das personagens sejam recompensados. Assim, a constância de Florinda é recompensada, no final, pelo reencontro com Arnaldo.

Donde se pode tirar exemplo que, assim como nossa Florinda, por ser constante e firme em sua palavra e fé, e pela guardar passou tantos trabalhos e infortúnios, no fim dos quais alcançou tão grandes bens desta vida; assim também o que permanecer firme e certo em guardar o que prometeu a Deus e passar trabalhos por satisfazer com a obrigação de sua promessa; esteja certo alcançará os bens da outra, que são a bem-aventurança, na qual permita ele nos vejamos todos pera sempre. Amém. (REBELO, , 2006, p. 307).

Está, assim, cumprido no arremate o princípio poético-retórico de deleitar (*delectare*) e ensinar (*docere*) para mover (*mouere*). Segundo Lachat (2008):

[...] as viagens e os sofrimentos de Florinda comprovam a firmeza de seu amor, que acaba sendo premiado com o reencontro de Arnaldo. A donzela age como um sábio estóico-cristão que, conhecendo os princípios divinos, mantém-se firme e constante frente aos trabalhos que a vida lhe oferece, pois sabe que o que lhe aguarda depois do Juízo Final é a bem-aventurança. Age, em suma, como Jó. Tanto na história de Florinda como na de Jó, percebemos um *exemplum*, ou seja, um modelo a ser seguido: o sábio estóico-cristão aceita os desígnios da Providência, pois está ciente de que a disposição divina é misteriosa e, muitas vezes, os justos

também sofrem sem culpa nenhuma; mas que, no fim, Deus recompensa a virtude desconhecida pelos homens. (p. 5)

Infortúnios trágicos da constante Florinda, pelos traços apresentados, constitui uma obra inovadora no Seiscentos, trazendo novidades no gênero, por fundir elementos da epopéia em prosa com a novela de cavalaria, como também na mensagem, em que, seguindo um preceito usual em Quevedo, traz elementos do estoicismo acomodados ao cristianismo. É, para além de um documento de época ou de um caso curioso de hibridismo de gênero, uma obra que esteticamente se realiza plenamente, segundo o código poético e retórico de seu tempo.

O leitor dessa obra precisa fazer um esforço para vencer o estilo de Gaspar Rebelo, profuso em elipses e inversões de frases, princípio estilístico próprio da epopéia em prosa – além, naturalmente, de conter certo número de vocábulos que caíram em desuso. Nessa empreitada, o esforço foi minimizado graças ao trabalho minucioso de Adma Muhana, que se responsabilizou pelas notas, pelo prefácio e pelo longo e elucidativo posfácio. Um dos méritos de Muhana foi preservar o sabor seiscentista da obra ao mesmo tempo que nos facilita a busca de informações com um número farto de notas. Trate-se de um esforço importante, da editora e da organizadora, para levar ao grande público uma obra que ainda não se tornou canônica, mas que tem mérito para tanto.